







# BIBLIOTHECA BRAZILEIRA





# BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

(EMPRESA EDITORIAL)

N. 1 JULHO 1873



## AMOR QUE MATÁ

ROMANCE ORIGINAL

POR

V. COARACY



RIO DE JANEIRO

Typ.—Academica—rua Sete de Setembro n. 71

1873



## AO PUBLICO

Apezar do pouco amor votado infelizmente no nosso paiz á litteratura, apezar de só terem actualmente extracção os pamphletos politicos e os que tratam da Maçonaria e dos Bispos, juntaram-se alguns moços que de todo ainda não perderam a fé e as crenças e fundaram a empreza da *Bibliotheca Brasileira*.

Se é certo que o arrojo é atrevido, não é menos certo que no caso de victoria maior será o triumpho, e no de derrota menor será a vergonha.

Publicando mensalmente um volume nunca menor de oitenta paginas, contendo romances, poesias, contos, etc., etc., a empreza offerece a seus assignantes, mediante uma insignificantissima contribuição trimensal, a posse de um livro de leitura instructiva e amena, reunindo assim o útil ao agradável.

Tendo conseguido do talentoso litterato e poeta V. Coaracy o romance com que enceta sua carreira, julga a empreza que sua publicação é titulo mais que valioso para recommendal-a.

Grandes são as vistas da *Bibliotheca Brasileira*, assim o publico a auxilie.

A EMPREZA.

Julho 1873.

*N. B.* — Aquelles senhores que, recebendo este volume, não o devolverem até o dia 10 do corrente ao escriptorio da empreza, á praça da Constituição n. 78, serão considerados assignantes.



# AMOR QUE MATA

## I

Por uma fresca tarde de Agosto, um carro descoberto, conduzindo dous moços, elegante, simples e irmãmente vestidos, percorria ao passo indolente dos cavallos as pittorescas e aristocraticas ruas de S. Domingos, em Nitherohy.

Ao passar em uma das ruas proximas ao mar, em frente de uma bella casa nobre, um dos passeiantes ergueu-se no carro, soltando esta exclamação :

— Que mulher bella !

— Onde descobriste isso ? perguntou o outro, sem mudar a posição desdenhosa e indolente em que ia reclinado.

— Pois não reparastê nessa mulher morena e pallida que estava á janella dessa casa por que acabamos de passar ?

— Vi-a, sim ; mas não sei em que te fundas para tal grito de entusiasmo.

— Ora na verdade és bem difficil de contentar ! Encadernado nesse estoicismo pessimo, nunca achas cousa que te agrade !

— Não sou difficil de contentar ; acertarias melhor dizendo que nunca me contento. Comtudo espero ainda mudar, não descri de todo.

— E que esperas ? um mundo novo ?

— Escuta, Pedro : tens-me visto detestar o perfume da flôr no momento mesmo em que o aspiro ; tens-me ouvido criminar a mulher por haver aceitado com gracioso sorriso as finezas que lhe dirijo ; tens-me visto julgar-me assejada e elegantemente vestido com o collete que um momento antes impediste-me de rasgar por achal-o de máo gosto ; tens visto e ouvido tudo isso e muitas outras cousas mais, e tens-me sem duvida acreditado um pessimista. Sou apenas um tanto inconsequente, nada mais ; porém é porque espero encontrar um dia uma flôr de mais agradável perfume, um collete melhor talhado, uma mulher perfeita, como a que busco, como a que passa de continuo nos sonhos de minha● noites de descrença, como deve ser a verdadeira criação de Deos... **Eis tudo !**

-- Todavia não me explica isso a fealdade que achaste naquella mulher.

— E quem te disse que é feia ?

— Pois não negaste que era bonita ?

— Não l disse sómente que não era bella, e, se errei dizendo-o, talvez errasse affirmando-o. Não basta ver uma mulher para julgal-a bella ; é mister fallar-lhe, fazel-a fallar com o riso, com o brilho dos olhos, com o rubor da face, esse espelho do sentimento da alma.

— Pois bem, Luiz ; eu apostaria metade da vida para provar-te, se se apresentasse a occasião, que é bella aquella mulher.

— Para provar -o contrario não preciso ganhar tanto. Quem perder pagará o aluguel do carro ; quanto á occasião, eu a faço.

— Aceito a aposta.

Nesse momento chegavam ao fim da rua Fresca. Ahi o cocheiro deu volta ao carro, parou alguns instantes para ouvir as instrucções que lhe dava Luiz, e depois partio a trote largo.

Ao chegar em frente á casa, onde ainda se conservava a moça na janella, a um signal dos moços o boleeiro conteve os cavallo, e Luiz, erguendo-se lesto, saltou ligeiro na calçada. Dirigio-se então para a moça, que correspondeu polida e medrosamente a seu gracioso e elegante cumprimento.

— Senhora, disse elle, parecer-lhe-ha estranho que um desconhecido se apresente ousado a pedir alguns instantes de benevola attenção ; porém a bondade de

V. Ex. o desculpará por agora, para punil-o mais tarde, quando souber o motivo mais estranho e ousado ainda que o conduz. Consinta V. Ex. em receber-me, e tudo lhe será explicado.

— Mas, senhor....

— Uma recusa da parte de V. Ex. me provaria que sou considerado em pouco, e o resultado, não é uma ameaça, ser-lhe-hia desvantajoso e prejudicial.

E, como se já contasse com o consentimento, dirigio-se para a porta, onde desappareceu.

Poucos momentos depois Luiz achava-se sentado em face da moça, que o olhava sorrindo entre medrosa e admirada.

— Uma vez, senhor, que servio-se de sua audacia, disse ella, pôde fallar, eu o escuto.

— Não pedirei desculpa, senhora, pelo que vou contar-lhe; conheço quanto fui desastrado e que mereço o odio de V. Ex. Porém, fiel a meu proposito, eu começo. Diziam-me ha pouco que V. Ex. era uma bella mulher,

— Obrigada.

— Se V. Ex. soubesse o que respondi, não me agradeceria.

— Então que respondeu o senhor?

— Ousei negar.

— Oh ! mas isso é pouco lisongeiro ! Todavia não me enfado ; amo a franqueza.



— Peior para V. Ex. Isso confirma a minha opinião, porque a encontro modesta, e eu desejava ser contrariado !

— Então o senhor é inconsequente ? !

— Alguns amigos chamam-me pessimista ; V. Ex., porém, tem mais razão que elles ; por isso disse : — tanto peior para V. Ex.

— Logo, a modestia é uma culpa ?

— Distingo, minha senhora. A modestia em si é uma bella qualidade, é quasi uma virtude ; mas quando ella é empregada no caso em que V. Ex. usou torna-se em uma dessas flôres pallidas e sem perfume que V. Ex. ás vezes, no cahir da tarde, enfeita por descuido com os anneis de seus cabellos pretos. A esta modestia, minha senhora, prefiro a confissão franca do amor-proprio, do verdadeiro orgulho. Se V. Ex. quer coadjuvar-me no meu empenho, deve mostrar-se-me em toda a nudez da verdade e da franqueza.

— E que lucro me viria disso, senhor ?

— Um juizo imparcial á sua belleza.

— Ah ! ainda ha pouco o senhor desejava encontrar-me sem modestia ; pede-me depois que seja orgulhosa ; e agora quer mais, isto é, que eu me mostre pretenciosa. E tudo isto, senhor, para que me diga se acha-me bella ? !

— Pelo amor de Deos, minha senhora ! tive já a

honra de explicar a V. Ex. como entendia a modestia : é uma culpa e uma virtude, conforme a maneira e quando é applicada. Pois bem ; como a modestia, considero o orgulho, o egoismo, a pretensão, e todos esses sentimentos que a sociedade se aprouve classificar de mãos. Quanto a mim, o mal e o bom só differem pela oportunidade. A occasião é tudo. A vista disto, parece-me, V. Ex. não deve receiar que eu encare sua franqueza pela parte má ; tanto assum que a provoquei.

— Está bem, senhor ; reconheço quanto minha posição é difficil, e presto-me ao que exige.

— Perdão, minha senhora ; não ha exigencia, supplico apenas que se digne responder-me com franqueza.

— E que deseja então ?

— Repito ; diziam-me que V. Ex. era bella, e eu neguei. Desejo que V. Ex. me desmintá.

— Porém como ?

— Fallando a verdade, dizendo o que sente por si ; julga-se bella ? isto é, V. Ex. é dotada dessa belleza de espirito, dessa formosura da alma... V. Ex. córa ! Isso faz-me arrependêr de não ter aceitado a expressão de que usou ha pouco ; talvez agora fosse occasião de exigir...

— Bem, senhor, atalhou a moça com certa mistura de altivez e de embaraço ; sou uma mulher

**bella, tenho espirito, tenho orgulho ; talvez possa um dia provar o que acabo de dizer. Agora peço-lhe que se retire.**

**Meia hora depois, ao apearem-se do carro os dous moços, Luiz, estendendo uma nota ao cocheiro, dizia a seu amigo :**

**— Perdi a aposta.**

---

## II

Niterohy expandia-se contente sob a impressão de um facto novo, introduzido nos costumes de sua sociedade moderna.

O salão da antiga camara municipal abria suas portas illuminadas ao primeiro baile mascarado. A multidão era compacta, a alegria era geral, e, quer no languido brilho do olhar occulto através da mascara, quer no grito desafinado do *pierrot* celibatario, quer na canção morna e monotona do conviva do *boquet* e mesmo na curiosidade attenta do observador solitario, em tudo a febre ardia intensa e embriagadora na nuvem de perfumes e de flôres, de risos e de luzes, que estendia no salão uma atmosphera pesada e ardente.

O baile tocava já seu fim, e no entanto a febre redobrava de calor e intensidade.

Meio occulto na sombra da sanefa que pendia ao longo de uma columna, fitando os olhos indifferentemente na multidão que passava, um moço, severa

mas caprichosamente trajado, parecia antes meditar á sombra de um cypreste funebre do que assistir á festa publica do ruidoso carnaval.

Algum tempo já havia que elle alli se achava, quando se vê cercado por um grupo de seis mascarados, cuja estrepitosa alegria estabelecia o mais perfeito contraste com a sua muda e observadora solidão.

— Eil-o finalmente ! exclamou um delles, apertando-lhe a mão.

— Meu caro, disse um outro ; sabes que te acho de máo gosto pretenderes dormir no salão de um baile mascarado ?

— Nem tanto, replicou um terceiro ; com o genio que tem seria capaz de conseguil-o.

— Como consegue tudo !

— Fallemos serio, interrompeu o primeiro : precisamos de ti, Luiz.

— Ah ! estou ás tuas ordens, respondeu então Luiz. De que se trata ?

— De conhecer uma mulher.

— Difficil tarefa ! Tenho gasto a vida toda nesse empenho, sem que até hoje o tenha conseguido.

— Pois é mister que a conheças.

— Sim, é mister, disseram os outros.

— Eu te vou explicar o de que se trata, continuou o que tinha tomado a iniciativa. Tens observado a

sala?... Bem! Notaste dous dominós negros que ali passeiam no meio da multidão?

— Vi-os.

— Pois bem! Tres de nós affirmamos que serias capaz de dizer quem é essa mulher (não fazemos questão do homem); outros tres negam; e todos offerecemos a cêa áquelle que a conhecer. Tu ficas convidado, porque foste o escolhido.

— Porém, meus senhores, contaram demais comigo... Todavia a originalidade do caso faz-me aceitar a proposta, não por vaidade, mas para começar a divertir-me esta noite. Vá a intriga!...

— Vá, exclamaram todos.

— Daqui a uma hora, no hotel Livrero.

— Até daqui a uma hora, respondeu Luiz.

Os moços afastaram-se.

Pela primeira vez então Luiz deixou a indolente posição em que se conservára durante todo o precedente dialogo; ergueu-se elegante e bello na severidade de seu traje, e envolveu toda a sala em um rapido, porém seguro olhar. Depois, buscando a sombra da varanda, perdeu-se na multidão dos mascarados.

Do lado opposto da sala, exactamente defronte do lugar onde ha pouco achava-se Luiz, conversavam animadamente dous mascarados.

Por sob o setim dos esplendidos dominós pretos

reconhecia-se o porte alto e elegante de um homem, e adivinhava-se no outro a fôrma voluptuosa de uma mulher.

O baile chegára aos ultimos paroxismos ; não era febre, não era mais delirio : era insania, era furor, era raiva !

— Asseguro-lhe, meu tio, não haveria inconveniente nisso ; ninguem me conhece, dizia ao outro aquelle dos dous dominós que parecia mulher.

— Não insistas, menina ! Vais fazer-me arrepende de já ter consentido na loucura de aqui te trazer.

— E meu tio vai enfadar-me por oito dias se não consentir.

— Ora, não me dirás que pôde haver em te ires cansar nessa dansa diabolica ?

— Bravo ! O mesmo que, como me dizia ha pouco, vinte annos antes meu tio encontrava nesse turbilhão louco, no vôo rapido dessas valsas desenfreiadas.... Ora, creou-me o desejo, consinta.... deve ser tão bom !...

E a moça collocou-se em face de seu companheiro,, encarando-o com olhos supplicantes, que lançavam reflexos languidos através do velludo negro da mascara.

— Bem ! não te enfades comigo. Seria o primeiro

capricho teu a que me recusasse... Mas, sabes, eu não posso dansar. Quem será o teu cavalheiro ?

— Deve necessariamente ser uma fada a bella dama que assiste mysteriosa á festa popular, disse nesse momento Luiz, inclinando-se em face dos dous dominós ; serei eu o feliz protegido que vem satisfazer o desejo de seu magico condão, supplicando a honra de uma valsa ?

A outro, que não ao ollhar penetrante de Luiz, teria passado desapercibido o estremecimento rapido que ondulou levemente as pregas de setim do dominó da moça.

Alguns momentos antes avistára elle os dous mascarados que procurava ; collocára-se por trás de ambos, e, fiel a seu proposito, aproveitára-se da occasião, que vinha em seu auxilio.

A conversa que tinha ouvido tirava-lhe todo o receio de uma recusa, e, pois, não hesitou.

E tinha razão.

A moça encarou o tio por alguns momentos, e, a um signal ligeiro, depois de alguma hesitação, disse, retribuindo o cumprimento do moço :

— A fada não pôde recu ar-se ao *sabbat* com tão amavel cavalheiro. Aceito, senhor.

E ambos lançaram-se na multidão dansante.

O dominó que ficára junto á varanda vio-os passar uma vez, e depois outra ; depois, quando o turbi-



lhão passou de novo..... debalde fitou os olhos na infernal cadêa, não os vio mais....

Quando o relógio marcou com sua monotona precisão o fim do prazo que Luiz tivera para conhecer o dominó preto do baile, um carro parou á porta do hotel Livrero

Os seis mascaras que o haviam emprazado, e que já achavam-se reunidos, correram ao encontro de Luiz ; mas este, por unica resposta ás instantes e desordenadas perguntas com que o accumulavam, disse sorrindo :

— Meus senhores, a cêa é minha, convido-os para cêar.

---

### III

Eram pouco mais ou menos 5 horas da tarde.

O sol reflectia seus ultimos raios no azulado das aguas, e reflexos avermelhados ião bater nos vidros das janellas de uma sala, fracamente illuminada pela tenne claridade que se escoava a custo pelos cortinados de seda que cahiam ao longo das vidraças.

Ahi, no centro dessa sala, languidamente reclinada em uma cadeira de braços, e como que entregue ao enlevo todo de uma recordação dourada, via-se uma bella mulher.

Não inventamos um conto ; narramos uma historia, e a verdade do facto dispensa-nos de descrições pessoaes. Apenas alteramos o nome de nossos personagens.

Havia já longo tempo que a moça achava-se naquella posição descuidosa, quando ao rumor de uma porta que se abria voltou-se indolentemente.

— Ah ! é meu tio ?

— Como passaste, Isabel ? disse o velho que

entrára, beijando a moça na frente. Esta manhã sahi cedo, e só volto agora. Meu primeiro cuidado foste tu. Então ? conta-me, quaes foram as tuas impressões desta noite ?

— Agradabilissimas, meu tio, e devêras que teria razão de enfadar-me se o senhor não consentisse no meu capricho.

— Sim ?

— E' verdade. Primeiramente a novidade do espectáculo, depois a emoção, e por ultimo.... uma bella conquista.

— Uma bella conquista ?

— Sim, uma bella conquista, meu tio. Faça idéa.

— Nem mais nem menos do que reduzir a uma paixão extrema um desses moços inconsequentes que se gabam de passarem livres na terra de todo o sentimento do coração.

— Mas, Isabel, toma cuidado com essa conquista.... Vê que, se acontecesse um dia apaixonares-te tambem por elle, talvez que a posição desse moço....

— Espere lá, meu tio ; quem ficou apaixonado foi elle, não eu.

— Percebo ; mas tu o' ficarás depois, e então o triumpho de que te gabas será d'elle. Se queres ter a victoria, toma o meu conselho, procura não vel-o mais.

— Acontece justamente o contrario.

— Heim ? como ?

— Devo recebê-lo hoje.

— Aqui ?

— E porque não ? Não sou eu uma senhora livre ? Não tenho o direito de dirigir minhas acções ? Creio que prejuizo nenhum me virá dahi....

— Porém, Isabel, é uma imprudencia !

— Não, é uma vingancinha de moça.

— Vê, menina, que a condição da mulher que enviuvou é tão pesada como a da mulher casada. Ella não tem de considerar sómente a sua reputação. Deve um zelo maior à reputação sagrada da memoria de seu marido.

— Então, men tio, quer se fazer máo ? Pois não tem mais confiança em mim ? Olhe, o que acaba de dizer é feio, merece castigo ; o que eu lhe imponho é que me deixe só.

— E porque ?

— Porque parou neste momento um carro á porta ; sem duvida é elle.

— Bem, minha Isabel, eu vou ; mas recomendo-te ainda....

— Olhe que o torno a castigar.

E a moça, empurrando levemente o bom velho para a porta, fechou-a, e voltou á sua cadeira.

Na vespera desse dia, nesse mesmo baile de que

fallavam ha pouco Isabel e seu tio, vimos o velho olhar e esperar debalde que passassem no turbilhão da valsa Luiz e o dominó preto.

Tendo apenas dado duas voltas na sala, Luiz parou de repente, sustentando nos braços o corpo leve de seu ligeiro par.

Com aquella graça que lhe era reconhecida, o moço desculpou-se polidamente. Por sua parte a moça não se mostrara descontente. Vimol-a estremecer quando Luiz lhe appareceu no baile ; vimol-a hesitar um momento antes de decidir-se a aceitar-o por cavalheiro ; e, pois, podemos afirmar que, aceitando a valsa, não era mais intenção da moça o prazer da dansa. Foi assim que, em poucos momentos, quasi sem presentil-o, ambos os moços, Luiz e ella, acharam-se longe da sala, sentados em um tosco banco de madeira, à sombã de um arvoredo do pequeno jardim que rodeava a casa, mais allumiado pelos raios da lua que pela enfraquecida luz de algumas lanternas que agonisavam aqui e alli.

A moça estivera arrebatadora de espirito: Luiz não a conhecêra, mas confessavã-se inteiramente apaixonado della.

Não era o amor pelo incognito ; o incognito fazia agora o seu tormento : se esse dominó de setim preto cahisse aos pés da moça, se essa mascara de

velludo se erguesse, fosse embora um rosto velho e feio, desaparecesse aquelle brilho languido dos olhos, Luiz amára do mesmo modo. Era o espirito que o enlevára.

Alli, junto de si, com as mãos nas suas, elle tinha aquella mulher desejada, aquella sombra que entrevira em sonhos. Mas o baile ia findar, e essa mulher não ficaria sendo mais que uma sombra. Era por isso que o moço supplicava de joelhos que ella erguesse a mascara : seria a luz, seria a vida para aquelle pobre coração, que no gozo ainda via já prestes o desespero, a morte de suas esperanças.

E o baile ia findar, e a angustia lhe redobrava.

Além do mais, aquella mulher despertára no coração do moço um sentimento que sua vontade de ferro alli fizera adormecer, acalentando-o com a descrença de suas theorias. Julgára a principio encontrar uma conhecida ; nada lhe desmentia essa idéa ; porém elle não a pudera conhecer. Aquella voz levemente disfarçada tinha melodias que já lhe haviam vibrado aos ouvidos.... mas quando ? onde ?

E o baile ia findar !..... e a mascara não se erguia do rosto !.

Quando Luiz se inclinava agradecendo a bondade que o dominó lhe dispensára, a moça, tomando o

braço daquelle que chamava seu tio, dizia ao ouvido do moço :

— Espere em casa amanhã ás 5 horas.

No dia seguinte, á hora marcada, talvez mesmo antes, Luiz recebia o endereço de uma morada.

Vinte minutos depois, ao entrar na sala de Isabel, parava admirado, exclamando :

— Ah !....

Eram conhecidos antigos.

---

#### IV

— Não esperava encontrar-me, não é assim, Sr. Luiz? disse ella, sem abandonar a posição que tomára. Entre; não vê que somos conhecidos antigos?

Luiz por muito que soubesse soffrear suas emoções não pudera conter um movimento de admiração ao reconhecer em Isabel aquella mulher a quem alguns mezes antes fizera soffrer o seu desastrado comportamento.

Ou fosse o remorso desse facto que recordava então, ou fosse simplesmente o pasmo que lhe causava esse encontro, o certo é que Luiz hesitava antes de aceitar a cadeira que a moça lhe mostrára com o gesto, em face della.

A despeito de suas singulares theorias, não podia acreditar que aquella entrevista lhe fosse concedida por um sentimento favoravel e sympathico. Via na moça, que lhe sorria calma e satisfeita, uma inimiga que se declarava, e, não obstante o amor que por ella



já nutria, consentia na guerra, aceitava-a mesmo com uma especie de prazer.

Conhecia no fundo de seu coração que poderia amal-a e fazer-lhe guerra ao mesmo tempo ; em suas crenças estoicas elle separava cõpletamente ambas as cousas.

Tudo isso passou rapido no seu espirito vivaz e emprehendedor, e por isso, depois de breve hesitação, foi com o sorriso nos labios e com perfeito desembaraço que tomou assento defronte de Isabel.

A moça ia fallar ; mas Luiz, conhecendo todo o valor de sua posição critica e compromettedora, quiz antes arrostar o perigo, e encetou a conversação :

— Não lhe peço perdão, senhora, sei que o não ha para o meu procedimento, e menos no seu coração offendido...

— Ah ! senhor ! interrompeu Isabel, sorrindo, o senhor é injusto.

— Não, minha senhora, não sou injusto ; sei bem que me ha de julgar conforme a sua consciencia ; mas ha casos em que a consciencia faz crescer a culpa !

— Talvez...

— E sem duvida V. Ex. se acha neste caso.

— Ah ! o senhor quer acabar por onde começou, julgando-me sempre má !

— Acabar ?

— Acabar, sim ! Meu Deos ! continuou a moça

animando-se e endireitando-se na sua cadeira ; pois não concebe, senhor, que esta entrevista é a última que devemos ter ? O senhor, que não me conhecia, que nunca me vira, avançou um juízo desfavoravel e impertinente a meu respeito. Sou moça, quiz vingarme, consegui-o ; eis tudo. Comprehende agora que o que entre nós se passou está acabado ?

E, dizendo assim, Isabel voltava á indolente posição que occupava antes.

Luiz sentia-se mortificado, comprehendia que a moça o despedia, e não teve animo de erguer-se.

— Mas, senhora, disse elle, na posição em que me acho, desvantajosa e impossivel de mudar, só uma cousa comprehendo : entre nós nada está acabado, antes uma luta começa.

— Uma luta ? como ?

— Escute-me, Isabel, disse Luiz, mudando o tom de sua voz e apertando nas suas uiaa das mãos da moça. A senhora sabe quanto eu a amo ; o que hontem lhe dizia era a verdade do coração : daria tudo por inspirar-lhe um tenue reflexo dessa inclinação que sinto. Hoje, eu amo-a mais ainda do que hontem ; e no emtanto, Isabel, pelas suas palavras, pela indiferença que lhe adivinho no rosto, conheço que seriam baldadas todas as supplicas que lhe fizesse. Fui máo, bem sei...

— Ah ! confessa, interrompeu a moça com um sorriso....

Luiz enxergou nesse sorriso um laivo de esperança ; por isso continuou no mesmo tom :

— Sim, confesso. Fui um desastrado em collocar o pudor, a posição, a susceptibilidade de uma mulher a par do preço do aluguel de um carro. Mas era um louco, Isabel, e então eu não a amava ! então eu não tinha a vida presa no sentimento de sua alma, pendente de um sorriso seu....

O moço inclinára-se ; seus joelhos tocavam o chão, e os labios roçavam quasi a mão que Isabel lhe abandonára.

Mas Luiz vio essa mão ir-lhe fugindo das suas, e um sorriso quasi ironico passou nos labios da moça.

E elle tremeu.

— Veja, senhor, que está tornando o meu triumpho mais completo, disse Isabel.

Luiz ergueu-se, com os labios tremulos e contrahidos. Não era um sorriso de raiva, era a viva expressão da amargura que lhe ia na alma.

— Pois bem, senhora, disse elle depois de alguns momentos de silencio ; quer a luta, lutemos. Guardarei no coração esse sentimento fundo que endosára uma vida inteira. Pertence-lhe mata-lo, senhora ; a mim cabe obrigar-a a partilha-lo.

E Luiz, envolvendo a moça em um longo olhar repassado de melancolia, sahio da sala.

Isabel permaneceu por muito tempo no mesmo logar e na mesma posição em que o moço a deixára, com os olhos fitos na porta por onde elle sahira.

Depois, soltando um suspiro que ondeou-lhe a renda no seio de seu alvo roupão, e encolhendo os hombros, disse :

— E' um louco !...

---

Era um domingo de tarde. Ao longo da praia das Flechas, contra o caes que a rodeia, abraçando todo o Ingá, vinham quebrar-se, magindo, as ondas ennovelladas. Soprava fresca a viração do sul, que segregava tristezas na ramagem das gigantescas casuarinas que bordam o caes. O sol, quasi a esconder-se, dourava apenas as cabeças dos montes fronteiros, que estampavam na agua a sombra escura de suas mattas verdes.

E, ao longo do caes, era, nessa tarde, immensa a multidão dos passeiantes. Aqui, a criança travessa debruçava-se á beira da rocha para mirar o mar ; alli, apoiando-se na nodosa bengala, sustentava o militar que era um deleixo imperdoavel o abandono em que jazia a fortaleza da Boa-Viagem, onde na cruz de sua capellinha branca brincava o ultimo raio do sol ; mais além, inclinado ao ouvido da moça, que fazia um momo de pretendido enfado, jurava por S. Jorge um caixeiro inglez que na Inglaterra nunca

se via uma tarde assim ; acolá é um grupo de mãis que discutem as qualidades dos noivos de suas filhas ; aqui é um grupo de filhas anciosas que morrem por dar genros ás suas mãis.

A politica, a magistratura, o commercio, sobretudo o commercio por atacado, e todas as profissões que occupam a classe nobre discutia-se alli.

A nobreza de S. Domingos e Nitheroy costumava reunir-se naquella caes, no domingo á tarde.

E, já o dissemos, naquella tarde a multidão era immensa.

— D. Isabelinha, dizia uma mocinha loura, que passava, pendente ao braço de um alto e magro inglez, — então obstina-se em não me dar essa rosa ? Pois faz mal ; quizera dal-a ao meu cavalheiro, o Sr. Dolby.

— E' uma razão de mais para eu conserval-a, respondeu Isabel, a heroína de nossa historia.

A mocinha loura sorrio e passou. O Sr. Dolby resumngou uma jura, que ninguem ouviu.

Isabel estava sentada nesse ponto da praia que conserva ainda o patriotico nome de Itapuca ; junto della, no mesmo banco de pedra, mais algumas moças conversavam com um grupo de homens que as cercavam ; o Sr. Manoel Ignacio, tio de Isabel, sustentava a conversação com todo o ardor e intrepidez possível aos seus cincoenta annos.

Isabel tinha na mão a rosa desejada pela mocinha de cabellos louros, que, chegando de novo em frente della, e fazendo parar o seu cavalheiro, o gigantesco inglez, disse :

— Obstina-se ainda, D. Isabelinha ?

— Sempre.

— Neste caso, minha bella, prepare-se, porque a rosa será minha.

— Como ?

— Hei de rouba-la.

— A idéa é boa, mas a acção é má, disse um professor publico que fazia parte do grupo.

— Mas ha lealdade, atalhou a mocinha loura, porque eu previno-a.

E continuou seu passeio, pelo braço do Sr. Dolby, que desta vez se dignou sorrir.

Nesse momento fez-se algum rumor na multidão : dous carros acabavam de chegar, donde saltára uma pequena banda de musica ; no meio daquella agitação ouviu-se um pequeno grito, seguido de uma gargalhada estrepitosa.

O grito fóra de Isabel sorprendida ; a gargalhada era do Sr. Dolby, que continuava a applaudir, rindo e esfregando as mãos longas e nodosas.

A mocinha loura erguia triumphante a mão que segurava uma rosa ; mas neste momento uma refrega

mais forte, redemoinhando no caes, arrebatou das mãos da moça a flôr, que rolou pelo rochedo.

— Que pena ! disse a mocinha.

O Sr. Dolby cessou de rir.

Isabel inclinou-se no caes, e, não vendo a rosa, exclamou com tristeza :

— Minha pobre flôr !...

Alguns momentos depois, com grande admiração de todos, via-se um moço trepar pelo rochedo, da parte onde batia com mais furia o mar e agarrando-se com os pés e com as mãos ás sinuosidades do granito.

Trazia na boca uma flôr.

A multidão dos passeiantes esperou impaciente.

O Sr. Dolby cortou um sorriso, que lhe acudira aos labios, o que deu ao seu rosto pallido e magro a expressão de uma careta.

Quando o moço chegou ao cume da rocha, erguendo-se altivo e bello, com seus cabellos negros soltos ao vento, um applauso correu na multidão.

Isabel, que o tinha visto, que o tinha talvez adi-vinhado antes de vê-lo, comprimito o peito com a mão, exclamando :

— Ah !

Era Luiz.

Sem que a moça o visse, Luiz chegára-se havia



algun tempo para o grupo onde sustentava a conversação o velho Manoel Ignacio ; ouvira a conversa das duas mocinhas, escutára a gargalhada do inglez, sentira o grito de Isabel, adivinhára-lhe ño olhar melancolico aquelle lamento pela flôr perdida, e desaparecêra.

Julgando mais rapido o caminho, não quizera voltar pela praia, e tentára a subida do rochedo. Era difficil, mas o moço venceu-a.

E o que não vencêra Luiz ? Prendia nos dentes a haste de uma flôr que *ella* lamentára ao cahir-lhe. Elle a tinha, trazia-a, ia entregal-a, ia talvez recebê-la em troca do seu serviço....

Por isso, chegando ao cume do rochedo, Luiz saltou ao caes, approximou-se de Isabel, inclinou-se, roçou com os labios a corolla da flôr, e entregou-lh'a.

Isabel recebeu a rosa.

— Obrigada, senhor, disse ella.

E nem um riso, nem o mais simples gesto acompanhou aquellas palavras, frias, geladas, sem um laivo de esperança, sem uma restea de luz para aquelle pobre coração que a amava tanto ! !...

Porém Luiz, sem mostrar no rosto a dôr que lhe ia na alma, inclinou-se de novo e perdeu-se na multidão-

Meia hora depois, quando todos deixavam o passeio,

ao passar no lugar que Isabel occupára, Luiz vio petalas de rosa desfolhadas no chão.

O moço, com um sorriso de amargura nos labios, abaixou-se e apanhou-as, dizendo :

— Ha de amar-me !

---

## VI

Era na bella casa do Sr. C.

A sala resplandecia de luzes, e as harmonias da musica, escoando-se por entre as flôres e as sedas, por entre as rendas e os velludos, vinham, através das janellas, misturar-se aos perfumes do jardim, meio mergulhado em sombras.

Lá dentro era a valsa estrepitosa, alegre e festiva umas vezes, outras languida e dormente, arrastando os pares no seu compassado turbilhão.

Fóra, nas sombras da noite, era a melancolia enlaçada na solidão daquellas moitas verdes, e perfumadas pelos jasmims da Colonia, que debruçavam-se nas latadas dos caramanchões, e pelas violetas escondidas nas sombras de suas folhas.

Pensar-se-hia que de proposito o Sr. C. deixára de illuminar o seu jardim, querendo proporcionar um remanso calmo ás fadigas do baile, uma solidão poetica aos amantes arrufados.

Por isso não se admirem os leitores se virem passar

sob a sombra dos arvoredos, como uma apparição phantastica, o gigantesco perfil do Sr. Dolby.

E não era só elle o unico conhecido nosso que lá se encontrava, não.

No momento mesmo em que o Sr. Dolby fazia a sua estrepitosa entrada na sala, passava, languida e vaporosa, como uma nuvem que foge, como uma melodia que o vento leva, com a fronte inclinada no hombro de um elegante mocetão de bigodes negros e retorcidos, D. Eulalia Campos, aquella mocinha loura que vimos na praia das Flechas insistindo pela posse de uma flôr para offerecel-a ao Sr. Dolby.

Este senhor estropeou em uma careta o sorriso que tinha nos labios, vacillou na larga base de sua altura, e com um esforço digno dos filhos de sua patria conseguiu passar adiante.

Lá estava tambem o Sr. Manoel Ignacio, ouvindo, com santa paciencia que se lhe adivinhava no rosto, as razões que tinha para adoptar antes o ensino mutuo que o simultaneo o professor publico que se nos revelou no capitulo antecedente, em uma sentença de pedagogo.

Em uma mesa de jogo, favorecido pela fortuna, que amontava as notas do banco em sua frente, Luiz jogava com aquella serenidade, ou mesmo com aquelle deleixo com que costumava perder.

Depois, finalmente, em um gabinete isolado, perto

daquella sala, e occulta nas sanefas de uma janella, com o queixo mimoso apoiado na mão, Isabel, a bella viuvinha, scismava profundamente.

E, digamol-o já, Isabel scismava em Luiz.

Vira-o chegar, correspondêra fria e altiva á inclinação respeitosa que o moço lhe fizera, e seus olhos o viram tambem entrar, depois de dar algumas voltas na sala, para aquella onde se jogava.

O acaso, porque nestas occasiões é sempre o acaso, conduzio Isabel áquella janella.

Não era a brisa perfumada do jardim que a moça buscava : a vidraça estava abaixada ; para vêr Luiz, tambem não era ; ao chegar, seus olhos descobriram defronte o moço, porém ella puxára a cortina, e, se bem não mudasse a posição, não tornára a olhar para a mesa do jogo.

Isabel scismava, e scismava profundamente.

Tentára uma vingança de moça, e agora tinha medo. Não contára que Luiz a seguisse pôr toda a parte onde fosse, não suppuzera que o homem que ama uma vez ama sempre, nem mesmo consultára o coração, que tremia-lhe agora, esse coração, que ficára mudo quando o moço tentára vibrar-lhe as cordas mais intimas com a confissão de seu amor.

Isabel amára com prazer, se não se houvesse em-

penhado na luta que lhe offerecêra Luiz. E essa luta em sua alma era horrivel. Ella não se confessava vencida ; era moça, era altiva ; mas conhecia que o moço triumphava. E nas horas longas de seu tacito desespero passava-lhe na mente uma idéa de odio para esse orgulho que a martyrisava tanto.

Se Luiz viesse de novo prostrar-se-lhe aos pés, fazer-lhe uma nova confissão de seu amor, Isabel lhe esconderia no seio a fronte orvalhada de lagrimas de ventura.

Infelizmente por seu lado o moço fizera proposito de amal-a, mostrar que a amava, mas de não dizel-o.

Eis as scismas em que Isabel mergulhava seus pensamentos todos, naquella noite de festa, de musica e de flôres.

E seu peito oppresso abafava ; ella queria ar.

Felizmente o Sr. Dolby passou naquelle gabinete, vio-a, e a moça aceitou o braço que lhe offerecia o inglez.

Havia uma hora que o Sr. Dolby, de ordinario pouco sociavel, procurava ancioso uma mulher bonita que lhe aceitasse o braço ; queria vingar-se ; tinha visto desaparecer da sala D. Eulalia Campos, e, suppondo-a no jardim, queria tambem passeiar á sombra dos jasmineiros, conduzindo pelo braço uma moça bonita.

E, portanto, Isabel servia-lhe maravilhosamente. Ella por ella, era uma vingança ingleza.

Quando ambos desciam a escada que dava para o jardim, Luiz, erguendo-se da mesa e mettendo na algibeira um maço de notas, approximou-se da janella.

E, pois, vio o inglez e a moça.

No seu espirito vivaz passou uma rapida idéa ; Luiz abraçou-a, e precipitou-se na sala da dansa.

Não lhe foi difficil encontrar um par, e um minuto depois valsava com D. Eulalia.

A mocinha loura, entrando, vira descer pelo outro lado da escada o inglez. Não hesitou, pois, quando, no fim de algumas voltas, Luiz convidou-a a tomar ar.

Na extremidade de uma estreita aléa, junto á grade da rua, o moço reconheceu, pelo vulto elevado, o Sr. Dolby. Foi então que elle tornou-se affectuoso para sua companheira, e, caminhando parallelamente á aléa onde passeiava Isabel e o Sr. Dolby, e continuando a conversa que calculadamente encetára, disse, prendendo nas suas as mãos de D. Eulalia :

— Oh ! creia-me, senhora, o coração não sabe fallar, e as palavras que os labios dizem explicam mal o que sente o coração !

Fallando assim, Luiz tinha parado ; contava com a curiosidade do Sr. Dolby, e o Sr. Dolby servio-lhe perfeitamente. Separados apenas por uma moita de

roseiras, o inglez escutára aquellas palavras e parára. Isabel ouvindo aquella voz, que conhecia tanto, que nunca tinha esquecido, sentio um tremor correr-lhe no corpo.

— Amo, senhora ! amo com todo o amor que um homem pôde sentir no peito, continuou Luiz, depois de um momento de silencio ; e, se um amor assim, senhora, deve ter uma recompensa, eu só peço um sorriso, um só.

Isabel escutava. O Sr. Dolby esfregava as mãos de contentamento, porque o Sr. Dolby quando estava contente esfregava as mãos.

— Deve ser muito feliz a mulher que fôr amada por tão pouco, disse a mocinha loura.

Desta vez foi o Sr. Dolby que tremeu. Por seu lado tinha conhecido aquella voz, deixou de esfregar as mãos, que penderam-lhe até os joelhos.

— Mas esse pouco, senhora, é um mundo de gozos, é um céu de venturas para o pobre coração que a adora.

— Então é a mim que o senhor ama, disse a moça, medrosa que o Sr. Dolby pudesse ouvir.

Da resposta de Luiz pendia a sentença do inglez.

— E' a senhora que eu amo ! disse o moço, dando uma inflexão de ternura ao som de sua voz.

Sonora, como um canto das aves em manhã de Maio, ouviu-se uma gargalhada por trás da roseira,



mal acabára Luiz de pronunciar as ultimas palavras. D. Eulalia fugio, e o Sr. Dolby, mudo, frio, gelado e duro como uma estatua, seguiu machinalmente Isabel, que continuava a rir-se alegremente.

Ficando só, Luiz ainda uma vez murmurou baixinho :

— Ha de amar-me !

## VII

Eram tres horas da manhã, e havia duas que o baile do Sr. C. tinha findado.

E, para acabarmos de fallar no baile, digamol-o já, o Sr. Dolby achára occasião de fazer as pazes com D. Eulalia, de quem obteve a derradeira valsa; depois do que foi dormir e sonhar.

E que sonhos que teve o Sr. Dolby! sonhou... Mas não é a historia do Sr. Dolby que contamos. Voltemos, pois, á nossa bella viuvinha.

Quem escutou aquella gargalhada franca, e sonora com que Isabel applaudio a confissão que Luiz fazia á outra moça, quem a ouvisse simplesmente acreditaria no contentamento daquelle seio agitado por esse franco, riso.

Mas quem, como nós, o romancista, ou como Luiz, o amante observador, analysasse aquella expansão dos sentimentos da alma, convencer-se-hia que uma luta momentanea travára-se naquelle seio

candido, e que por uma forte vontade a moça soltára aquelle riso nervoso.

Era a luta do amor e da opinião, e naquelle momento de um esforço supremo de que é capaz a mulher, Isabel teria chorado, se não conseguisse rir-se.

E, pois, naquelle riso havia lagrimas occultas e soluções intimos.

E senão, vejamol-o.

Eil-a em seu quarto. Seus cabellos negros rolam-lhe nos hombros e espalham-se no roupão nevado de fina cambraia.

Seus olhos meio cerrados parecem fitar através das palpebras a haste mirrada de uma flôr perdida, que seus dedos apertam convulsivamente.

Era a haste de uma flôr que Isabel desfolhára um dia. Lançára ao vento, deixára cahir ao chão as petalas frescas dessa flôr mimosa, e um sem numero de pensamentos diversos passavam-lhe na idéa, e inclinavam-lhe no recosto da cadeira a sua cabeça de anjo.

A moça arrendia-se do procedimento que tivera ; arrendia-se, e temia que fosse tarde.

Não ! ella não acreditava na verdade da scena que se passára no jardim ; era uma vingança de Luiz ; quando muito, era um meio de que elle usava para despertar-lhe o amor pelo veneno do

ciume ; mas Isabel amava, e, egoista como todas que amam, queria que os labios que lhe confessaram uma vez amor nunca entornassem nos ouvidos de outra essa canção que só deve ser ouvida pela mulher verdadeiramente amada.

E as lagrimas quentes que conseguira reprimir então, ou antes que só ousára soltar occultas naquelle riso, corriam-lhe agora pelas faces pallidas, no silencio de seu quarto.

Isabel era muito criança quando se casára, e seu marido, negociante rico, era já muito velho para que lhe pudesse inspirar amor.

Orphã aos oito annos, vivendo em companhia do irmão de sua mãe, o Sr. Manoel Ignacio, que a extremecia coma se fosse seu pai, Isabel, tendo completado sua educação, não oppuzera resistencia quando seu tio lhe propoz aquelle casamento.

O Sr. João de Castro era velho, mas a moça estimava-o, e por isso chorou, e sentio bastante mesmo quando o pobre velho, depois dos cincoenta e oito, succumbio a uma enfermidade aguda que lhe sobreveio.

E o coração de Isabel ficára virgem de amor, na primavera da vida, quando tres lustros apenas adornavam-lhe a fronte com as grinaldas da belleza, da mocidade e da candura.

Tres annos mais se haviam passado, sem que a moça, austera em seus principios, na sua melindrosa posição de viuva, sentisse expandir-se-lhe o coração aos raios luminosos do sol do amor.

Mas então era tempo.

Por uma tarde de Setembro Luiz saltou de um carro na porta de sua casa, entrou, e fallou-lhe.

Quando o moço sahio, Isabel ficou entregue a uma scisma longa.

E as moças scismam quando o coração lhes falla.

Dahi sabemos o mais que passou-se.

E todas essas saudosas reminiscencias avivavam-se agora na idéa da moça, emquanto pelas faces corriam-lhe as lagrimas primeiras do seu primeiro amor.

Porque Isabel amava pela primeira vez.

E amava com todos os estremecidos enlevos de um sentimento retardado.

E chorava. Naquellas lagrimas achava uma consolação suave para a dôr que a martyrisava.

Mil projectos tinham-lhe passado na mente, mil projectos tinham sido rejeitados por outros que pareciam-lhe mais razoaveis : umas vezes queria mandar chamar Luiz no dia seguinte, e confessar-lhe seu amor ; outras julgava melhor esperar a primeira occasião para mostrar-se vencida ; depois revoltava-se contra essa fraqueza, e preferia o martyrio incessante,

o padecimento continuo e lento de um amor silencioso e occulto ; preferia o refugio das lagrimas.

E chorava.

Mas sua cabeça ardia, a febre queimava-lhe os labios, e as mãos crispadas por estremecimentos nervosos comprimiam no peito o coração que se desfazia em lagrimas.

Isabel levantou-se, olhou o espelho que lhe ficava defronte, e nos labios tremulos passou-lhe um sorriso triste.

Era um sorriso para a belleza esplendida de seu descuidoso desalinho.

Depois abriu uma caixinha de porcellana azul, contemplou a haste secca da flôr, que conservava ainda na mão, beijou-a com ardor, e guardou-a na caixinha, dizendo :

— Pobre flôr ! és a imagem do amor que sinto. Desfolhei-as ambas, atirei as petalas ao vento.... Si o vento da noite as trouxesse de novo.....

Fechou a caixinha, e ia voltar-se, quando o espelho reflectio rapidamente a mão de um homem que afastava as cortinas da janella fronteira.

Isabel assustada soltou um grito e voltou-se ligeira. Não vio ninguem, sómente sentio bater-lhe no collo e rolar no tapete um pequeno objecto.

Medrosa, mas affoita, correu á janella. A rua estava deserta.

Então, entrando, ergueu do chão uma bolsinha de retroz verde ; abriu-a tremendo, e do peito escapou-lhe um grito de alegria, á vista de algumas petalas seccas de rosa que se espalharam no chão.

Desde pouco depois que Isabel recolhêra-se ao seu quarto um vulto viera encostar-se á sua janella ; através do tecido transparente das sanefas vira Isabel e ouvira tambem as palavras da moça.

Então tirou do seio aquella bolsinha, abriu as cortinas, e arremessou-a levemente ao quarto ; depois fugio.

Por isso, quando algum tempo depois a moça veio fechar a janella, elle não pôde ouvir estas palavras, que, como alguns dias antes as folhas de uma rosa, foram pela moça atiradas ao vento :

— Luiz, eu te amo !

---

## VIII

A sala do theatro de Santa Thereza regorgitava de espectadores freneticos que applaudiam por todos os modos admittidos, e mesmo não admissiveis, a representação do *Marinheiro de Saint Tropez*, que João Caetano escolhêra para sua reentrada na scena, depois que a munificencia real portugueza o fizera commendador.

A assembléa provincial votára um subsidio á empreza, e por isso aquelle actor escolhêra o theatro da provincia para sua reentrada.

Era de algum modo a gratidão que o conduzia.

E era talvez pensando assim que o povo nitheyense concorrêra ao espectaculo naquella noite.

Lá estavam quasi todas as personagens do nosso romance ; e, como é dellas que queremos fallar, sentemo-nos no terceiro logar da segunda ordem das cadeiras, ultimo talvez que encontramos vago, e ouçamos, ou antes digamos a conversa de dous conhecidos nossos, que, indolentemente sentados,



e sem attenção para o que vai na scena, mostram bem que acham-se no theatro porque o moço elegante deve mostrar-se sempre nos grandes espectaculos.

— Não, não penso desse modo, dizia um delles ; a mulher deve occupar sempre na attenção do homem um logar distincto, mesmo quando o sentimento intimo, que porventura nos ligue a ella, não seja retribuido.

— Devemos então amal-a sempre ?

— Não digo isso, nem tão pouco seria capaz de affirmar o contrario, porque entendo que o amor não é um dever, nem uma obrigação que o homem se imponha.

— Ora, deixa-te disso, Luiz ! Havendo vontade...

— Eis-ahi justamente o que não reconheço, o que nego ! Não ha vontade no homem que ama ; e, se ha, não é sua, é da mulher amada. Ainda és muito criança, Pedro, para pensares por esse modo. Si houvesses experimentado o que ha um mez padeço, raciocinarias differentemente, e só enxergarias na mulher que se ama uma pagina santa do Evangelho da existencia. E' preciso lêl-a com attenção, estudal-a bem, para adivinhar-lhe as idéas intimas, o valor de cada sorriso seu, a imposição suave do mais tenue reflexo de seus olhos. Essa necessidade nasce do amor que sentimos, e a nossa vontade curva-se á vontade

que a mulher que se ama deixa transparecer no sorriso, ou no volver dos olhos.

— Bravo ! Estou-te desconhecendo, ou antes conheço-te agora !

— Comtudo, ainda não me revelei, qual penso que sou.

— E como pensas que és ?

— Penso que sou um homem excepcional, sectario de idéas desencontradas, e que ás vezes julgo mesmo impossivel que possam, tão differentes como são, cruzarem-me o cerebro ao mesmo tempo. Vivo de um mundo desconhecido, tenho crenças tão descommunaes que seria vaidoso se as dissesse.

— E donde nasce tudo isso ?

— Do amor.

Pedro soltou uma gargalhada estrepitosa, abafada logo pelos psios da platéa.

Na verdade, era de estranhar aquella gargalhada no momento em que Mauricio, o marinheiro de S. Tropez, impõe severo e ameaçador sileneio á sua mulher, ao mesmo tempo que com semblante prazenteiro e affavel sauda o conde que entra.

— Do amor ! exclamou Pedro ! e quem é essa mulher que t'ó pôde inocular na alma de sceptico ?

Luiz ia responder ; mas o rumor de uma porta que se abriu na 1.<sup>a</sup> ordem fez os moços voltarem a cabeça.

Felizmente esse movimento obstou que Pedro visse

a pallidez rapida que annuviou um momento a fronte do moço ; se a visse, teria encontrado a resposta que Luiz lhe negára certamente.

No emtanto Pedro, completamente distrahido, continuava olhando para a moça.

Encontrava uma reminiscencia vaga que lhe resvalava na idéa, e não lhe era desconhecida essa moça que fazia realçar todo o esplendor de sua belleza, toda a formosura de seus cabelos negros moldurando um semblante moreno e pallido, envolvendo-se na severidade lugubre de um roupão negro. Parecia-lhe por vezes que reminiscencia igual passava na idéa da moça, porque seus olhos, desde que chegára, não se tinham volvido do lado em que elle se achava.

Pedro ia pedir explicação daquelle olhar constante, da pertinacia com que fitavam aquelle ponto, ia perguntal-o a Luiz, quando, com grande pasmo seu, vio-o juntando os seus aos applausos freneticos da platéa.

— Bravo ! Bravo ! gritava Luiz batendo palmas.

— Estás doudo, homem ? perguntou-lhe Pedro.

— Eim ? como ? perguntou Luiz sem voltar-se.

— Pergunto-te se endoudeceste.

— Oh ! é magnifico, Pedro, é bellissimo !

E continuou a applaudir.

Pedro não comprehendia que se pudesse prestar attenção a outra cousa, mesmo que essa cousa

fosse uma scena representada por João Caetano, quando ha em um camarote fronteiro uma moça morena e pallida que fita sem distrahir-se o logar em que se está sentado. Assim, ergueu os hombros, alisou o seu bigode meio crespo, e continuou a olhar a moça.

Quando o panno desceu, o moço julgou que seria occasião de obter a attenção de Luiz, e, voltando-se para elle :

— Quem é aquella mulher ?

— E' a Ludovina.

-- Que Ludovina ?

— Ora, pois não conheces ? A grande, a sublime, a inconcebivel artista, e comica...

— Ora bolas ! Não é della que te fallo, é desta moça que chegou ha pouco ; não a viste ?

— Ah ! sim ! vi-a, mas não reparei.

— Pois olha !

E Pedro passou ao amigo o seu binoculo.

Luiz applicou o binoculo para a direita, isto é, para o lado opposto ao em que estava a moça.

— Ora, deste lado Luiz.

— Lá havia de chegar, disse elle, sem voltar-se : conheço essa moça. E' aquella que me fez pagar um dia o aluguel de um carro.

— Um... disse Pedro, depois de ter-se voltado vivamente para olhal-a ainda ; lembro-me agora e

comprehendo porque não tem cessado de fitar-nos !... Mas porque não lhe prestas attenção, Luiz ? Obras em contrario das idéas que expendias ha pouco.

Luiz corou.

— Enganas-te, disse elle, é por consideração para ella que não busco fital-a. Comprehendo què deve estar enfadada comigo.

— Pois meu caro, vou namoral-a.

E Pedro voltou-se, emquanto Luiz marcava o compasso da musica com o pé, assoviando baixinho a phantasia que retumbava na sala.

Uma hora depois, no fim do espectáculo, quando os moços passavam no saguão do theatro, Luiz, por mais prevenido que pudesse estar, voltou-se a um aperto que seu amigo dava-lhe no braço.

Seus olhos encontraram na passagem os olhos languidos e amortecidos da bella moreninha, que os leitores terão reconhecido.

Dissemos na passagem, porque os olhos de Luiz foram pregar-se no chão. Tinha visto Isabel, e nos sulcos azulados que rodeavam-lhe as palpebras conhecêra que a moça muito tinha soffrido, vira mesmo vestigios de lagrimas frescas naquella face descorada.

Um gemido surdo agitou-lhe o peito, e seus labios

humidos abafaram um soluço, sentia como que um remorso em desfolhar assim aquella flôr delicada.

Mas esse sentimento foi rapido. Seu orgulho stoico fallou-lhe na alma, e o moço pensou que essa flôr se desfolhava por si, arrancando-se as petalas com as pontas agudas de seus espinhos, dos espinhos de sua vaidade.

Um sorriso melancolico deslisou-se-lhe nos labios levantando nos cantos de sua boca a ponta macia do bigode, e o moço ergueu a cabeça bella e ativa.

Isabel tinha sahido já.

— Deves-me uma explicação, disse Pedro, que observára tudo, ao descerem o degráo da porta.

— Amanhã, respondeu Luiz, olhando para um carro que partia a trote largo.

---

## IX

Era por uma nebulosa manhã de inverno.

Um tilbury voltava a passo pela rua de S. Lourenço conduzindo Luiz, confortavelmente envolvido em um largo sobretudo de panno acolchoado, misturando com a neblina da manhã a fumaça de seu charuto, que voluptuosamente deixava escapar-se por entre os labios.

Desde que subira para o vehiculo, não se mexêra da posição indolente que tomára. Seus olhos meio fechados e um sorriso que ás vezes bordava-lhe a boca mostravam que o moço scismava ; e, a julgarmos pela serenidade de sua frente, poderíamos affirmar que doce e esperançoso era o sonho que esvoaçava-lhe na idéa.

De facto ; não tinha Luiz a certeza de que era amado ? não sabia que delle, e sómente delle, pendia a realidade desse sonho côr de rosa que lhe esmaltava a existencia de tantas promessas ?

Mas o coração do namorado é assim. Persegue a sombra que lhe foge, e foge á sombrà que o busca. Não era d'elle a culpa ; mas Luiz fizera-se um mundo especial, e, não nos peza dizer, nesse mundo uma cousa unica havia de máo : era o excesso de seu genio. Admittimos a monomania do philosopho ; admittimos a excentricidade do inglez ; admittimos muitas outras cousas a que outros recusam razão, mas não consentimos no excesso.

E Luiz peccava pelo excesso.

Amava muito, amava como é dado amar ao homem uma vez só, a primeira ; e Isabel era a primeira mulher que Luiz amava. Mas o orgulho, o amor proprio do homem, e que Luiz applaudia-se de ter tambem encontrado no character de Isabel, contrariava todos os sentimentos beneficos que o impelliam a pedir perdão.

— Não, dizia elle muitas vezes comsigo, matarei minha razão amando-a, mas não serei mais o primeiro a lhe fallar de amor !

E era pensando nesse amor, era scismando nessa ventura prolongada por uma luta pueril de dous corações que tentam enlaçar-se, que Luiz deixava-se conduzir mollemente, ao grado de seu cocheiro, ou talvez ao capricho do cavallo.

Subito Luiz voltou a cabeça, despertado pelo rumor que fazia um carro levado como um turbilhão por



dous vigorosos cavallos desençabrestados. O moço vio-o passar e soltou um grito de horror, reconhecendo dentro do carro o Sr. Manoel Ignacio, apertando nos braços o corpo hirto e cahido de sua sobrinha.

Os cavallos passaram ; corriam com a velocidade do raio ; mas, tambem com a velocidade do raio, o moço fez saltar o cocheiro, e, fustigando o cavallo, seu tilbury partio como uma flecha.

Havia pouca distancia a atravessar até chegar ao mar que borda a praia lodosa por entre a ramagem sombria dos mangues. E os cavallos na sua carreira veloz inclinavam-se para o lado do mar.

A intenção de Luiz era passar adiante do carro, atravessar-se na frente, deixar-se esmagar embora, comtanto que seu cadaver servisse de barreira ao impeto dos cavallos desenfreados.

E seu cavallo corria já a par do carro de Isabel.

Luiz não cessára de fustigar o cavallo, sómente empregou mais força, e um minuto depois atravessava seu vehiculo na frente do outro, saltando com a pericia do mais consummado peão na beira do caes.

Como pensára o moço, seu tilbury servira de obstaculo á carreira dos cavallos ; porém estes, voltando de chofre, cahiram por terra, tombando o carro comsigo.

Mas nesse momento Luiz, com todo o valor que distingue as almas elevadas em occasiões seme-

lhantes, saltára á portinhola da carruagem e erguia nos braços vigorosos Isabel desmaiada.

Seu cocheiro, que chegára nesse momento, apesar da fadiga de uma longa carreira, e ajudado por alguns caminhantes, tiraram do carro o Sr. Manoel Ignacio, que apenas soffrêra uma leve contusão, e ajudaram a safar-se o cocheiro, que na quêda fôra metter-se entre os arreios e os cavallos.

Luiz mandou chamar um carro de aluguel, onde fez entrar Isabel, sempre desfallecida, e seu tio ; e, respondendo com um simples cumprimento aos agradecimentos do Sr. Manoel Ignacio, metteu-se de novo no tilbury, onde continuou, e como se nada houvera acontecido, e na mesma posição descuidosa, seu passeio até a casa.

---

## X

Moço de experiencia, Luiz voltára para casa socegado, certo de que o desmaio de Isabel não teria consequencias ruins, visto que era causado apenas pelo susto que soffrêra a moça.

Todavia, no meio de seus pensamentos, uma nuvem sombria passou-lhe na frente, e seus olhos cobriram-se de tristeza.

Elle previa a gratidão de Isabel, e isso o contrariava ; queria o amor, todo o amor da moça, e não desejava por modo algum inspirar-lhe outro sentimento que não fosse esse.

Essa idéa o importunava, e foi com o semblante calmo, porém triste, que entrou em sua casa.

Pedro esperava-o, sentado com ar carrancudo a um canto do sofá.

— Que temos ? perguntou-lhe Luiz, apertando-lhe a mão.

Pedro conservou-se calado.

— Então ? não fallas ? tornou a perguntar Luiz.

— Deixa-me, estou furioso !

— Mas creio que não é comigo.

— Tens razão. não é contigo.

— Nesse caso acalma-te, e conta-me o que te aconteceu.

— Acalmar-me ! então suppões que é possível acalmar-se um homem quando é ludibriado, enganado, trahido, esquecido por uma mulher que ama ?

— Felizmente para ti, Pedro, não é esta a segunda vez. Já debes estar acostumado.

— Não, Luiz ! nunca tinha amado como esta vez ! Eulalia era um anjo, diziam-me seus olhos, seus gestos, o som de sua voz, tudo, até meu coração ! Quando ha dias me fizeste a confidencia de teus amores, eu ri-me internamente de ti, contando-te tambem as horas de felicidade extrema que gozára junto della ! Ri-te agora, Luiz, ri-te de mim tambem !

— Não rio dos males de ninguem, disse Luiz, sentando-se ao lado de seu amigo.

Pedro continuou :

— E fazes tu idéa de quem seja o homem que essa mulher escolheu para supplantar-me ? Imagina a mais horrenda mumia do Egypto, porém mais dura, comprida, e fallando por um canudo de mamão, e

terás perante tua imaginação a proeminente factura da Inglaterra na pessoa do Sr. Dolby !

— O Sr. Dolby ! exclamou Luiz.

— E' o escolhido por D. Eulalia Campos para seu marido ! Isto é para morrer-se, não digo de amor nem de ciumes, mas de vergonha, meu Luiz !

— O Sr. Dolby ! repetio Luiz. Emfim, meu caro Pedro, as mulheres são tão caprichosas !

— Ouve-me, Luiz, disse-lhe Pedro, que, tendo dado expansão á colera, começava a serenar-se ; escuta : começo a achar razoaveis tuas theorias sobre a mulher !

— Ainda bem !

— E' um pouco tarde, não ?

— Nunca é tarde, Pedro, para estudar-se o bem. Oxalá que mais esta lição te aproveite.

— Ha de aproveitar, Luiz ! Vêr-me-has, o moço por excellencia namorador, olhando altivo e desdenhoso para a mulher que passa, e vendo com sorriso de escarneo a flôr desfolhada na passagem della !

Momentos depois Pedro se retirava, e Luiz, ficando só, entregou-se á leitura dos jornaes do dia.

Devemos uma explicação ao leitor.

Lembram-se sem duvida que ao sahirem uma noite do theatro Luiz promettêra a seu amigo narrar-

lhe no seguinte dia a historia de seu amor por Isabel.

Pois bem, Luiz cumprira sua promessa, e em troca ouvira do amigo a mais poetica historia de uma paixão em flôr.

Pedro contára-lhe que se havia encontrado com Eulalia á beira da agua, colhendo conchas na arêa ; olharam-se ambos, depois fitaram-se, em seguida riram-se, quasi fallaram-se ; na manhã seguinte encetaram conversa, e alguns dias depois o Sr. Dolby entrára em sérias communições com a mãe de D. Eulalia sobre a posse da delicada mãozinha da moça ; e esta resolução fôra inspirada ao bom inglez pela assiduidade de Pedro.

Estavam as cousas assim na manhã em que o moço fôra dar expansão a seus sentimentos na casa do amigo.

E, seriamente, tinha razão.

Eulalia dignára-se escrever-lhe um bilhetinho em que communicava-lhe essa heroica decisão, e que foi ennegrecer com as sombras da realidade o sonho azul e dourado do pobre moço.

Dada esta explicação, continuemos :

Era no fim da tarde desse mesmo dia.

Luiz acabava de entrar em uma pequena sala forrada de azul com cortinas brancas. No fundo, em um sofá estofado de damasco côr de rosa, estava recos-

tada Isabel, pallida e abatida, e envolta em um largo roupão de velludo negro, onde se confundiam as annelladas tranças de seus cabellos espalhados sobre os hombros.

O moço inclinou-se com pollidez, e seus labios tremulos roçaram levemente a mão que lhe estendia a viuva.

— Vem receber meus agradecimentos ? disse Isabel sorrindo e mostrando uma cadeira.

— Venho apresentar minhas felicitações, senhora, disse Luiz, sentando-se junto ao sofá.

— Cabê a mim sómente felicital-o pela sua coragem. Meu tio contou-me tudo, e não esquecerei que lhe devo a vida. Esqueço-me do que entre nós se ha passado para testemunhar-lhe a minha gratidão !

Nos labios de Luiz passou um sorriso amargo, e foi com a voz impregnada de altivez que o moço respondeu :

— O serviço que lhe prestei, senhora, teria prestado a quemquer que fosse que estivesse nas mesmas condições. Já vê que não tem muita cousa que me agradeça.

— Meu Deos ! exclamou a moça ; porque se offende, senhor ? Não é tão natural o que lhe acabo de dizer ?

E Isabel sorria para Luiz.

O moço, porém, desviou os olhos desse sorriso. E,

vendo que ia acontecer o que previra, isto é, que ia inspirar um outro sentimento além de amor, respondeu com presteza :

— Não é natural, senhora, entre duas pessoas que juraram-se guerra !

— E porventura essa guerra não está terminada ?

— Estaria, minha senhora, se em vez de um sentimento que não devêra sentir fallasse-me do que verdadeiramente sente ; isto é, se em vez de gratidão dissesse amor !

E Luiz fitou a moça, cujas faces descoradas cobriram-se de leve côr de rosa.

— Pois bem..... principiou ella.

Mas não acabou. Desejára tanto que Luiz viesse ! queria confessar-lhe seu amor ; o moço chegára, e ella sentia-se fraca em face de seu orgulho infantil de menina travessa. As mulheres são assim ! caprichosas com seu proprio mal, preferem a rosa a outra qualquer flôr, justamente porque a rosa tem espinhos.

E a conversação ficára alli ; ambos calados, palpitantes ambos de amor, e sem que o ousassem confessar.

A moça venceu, Luiz fallou ; mas sua voz era triste, suas palavras dolorosas.

— Escute-me, Isabel, disse elle, tomando nas suas uma das mãos da moça : ha em nós um orgu-



lho' que nos perdé, vaidade louca que nos separa. Eu e a senhora vivemos ambos de um sentimento só. Em mim ha a dôr de tel-o confessado uma vez ; na senhora a dôr de não poder confessal-o. Era essa a existencia que levavamos até hoje. Esta manhã o acaso faz que eu lhe salvé a vida, e a senhora applaude-se da occasião que nos torna a juntar. Mas agora sou eu, Isabel, que venho dizer-lhe : quero seu amor, rejeito-lhe a gratidão !

— Luiz ! murmurou a moça, deixando a cabeça pender-lhe no seio.

— Sou altivo, Isabel, sou orgulhoso de seu amor ! mas quero a confissão d'elle, puro, sem a mistura de um outro sentimento ; tão puro, tão santo, como o que um dia depuz a teus pés e que repelliste com a ponta do sapato de tua vaidade.

A bella viuva ergueu a fronte morena e descobrada ; seu olhar, de triste que era a principio, tornou-se brilhante de um fogo estranho, e com voz tremula :

— Pois bem ! eu não rojarei a teus pés o amor que porventura sinto ! exclamou ella.

E mudando de tom e com firmeza :

— Senhor, sei que devo-lhe a vida, será eterna a minha gratidão.

E a moça levantou-se.

Luiz erguêra-se tambem. Seus olhos tristes, mas

parados, sem brilho, sem lagrimas, fitavam Isabel ; depois o moço estendeu a mão ; ia fallar, ia pedir-lhe perdão, ia cahir-lhe aos pés vencido, esmagado...

Mas nesse momento a porta abriu-se, e, curvado como um ponto de interrogação, com um riso na larga boca, appareceu na entrada da sala o Sr. Dolby.

---

## XI

Tres mezes decorreram depois da ultima scena que descrevêmos no capitulo antecedente, penultimo da nossa ligeira historia.

S. Domingos, esse poetico arrabalde, apezar do luxo pesado que de anno em anno o vai invadindo, começava a povoar-se de novo por aquelles que o haviam abandonado nos rigores do inverno.

A estação do calor voltava, e com ella a população que o abandonára.

Sómente uma das nossas personagens, que com os outros partira, não tornára ; mais adiante diremos quem era e a noticia unica que della nos voltou.

O sol no occaso dourava apenas um ou outro cabeço de montanha que trepava ás nuvens ; aragem suave rugava a face do mar, e as ondas molles e dormentes batiam fracamente na praia da Boa-Viagem, que erguia-se nas sombras da tarde com a sua capellinha

branca, estatua da fé erguida em bruto pedestal de granito.

Um moço pallido, vestido com asseio, mas sem cuidado, talvez com deleixo mesmo passeiava na praia.

Se tivéssemos de descrever esse passeiante, unico que alli se via, não o conheceriam de certo os nossos leitores.

Entretanto era Luiz. Um sentimento fundo matáralhe o brilho dos olhos, que fitavam agora com uma tristeza indefinivel o azul das aguas ; o nó frouxo de sua gravata, atada a esmo, desaparecia na sombra da barba negra que deixára crescer. Tudo nelle, desde o sapato largo até o chapéo do Chile desabado que trazia, indicava o abandono pelo gosto da vida.

A flôr balançava á beira da encosta ; a concha rolava na arêa ; e o moço passava ; e nem um sorriso para a flôr, e nem um olhar para a concha.

Luiz caminhou até a pequena gruta que ahi se vê cavada na rocha, e voltou, com o mesmo passo indolente, para o lado da ponte.

Quando chegou junto desses destroços de cantaria, restos de antiga rampa destruida pelo bater das ondas, o moço foi distrahido de seus pensamentos intimos por uma gargalhada fresca e expansiva, como só pôde rir a ventura na mocidade.

Olhou então e vio no lado opposto, na outra face da praia que ahi forma quasi um angulo, uma mulher

loura ao lado de um moço elegante, lutando ambos para arrancarem ás ondas uma concha que rolava na espuma.

Luiz conheceu-os ; quiz adiantar-se para elles ; mas, receioso de perturbar com a tristeza de seu semblante aquella expansiva alegria, parou, contemplando-os meio occulto na rampa :

— Goza de tua felicidade, Pedro, disse elle baixinho, depois de alguns momentos de silencio.

E voltou de novo, buscando o caminho que sobe para S. Domingos.

Com effeito, eram Pedro e Eulalia, que se haviam casado. O rompimento que os separára uma vez fôra maior incentivo para o amor de ambos. Pedro esquecêra as theorias de Luiz na mesma tarde de seu rompimento ; e quando vimos o Sr. Dolby entrar na sala de Isabel, sem duvida para participar-lhe sua proxima união, D. Eulalia Campos sellava com o mais encantador sorriso, que dava a Pedro que passava, um protesto contra as participações do gigantesco inglez.

E Luiz, que soubera na sua ausencia desse casamento, não queria turvar com as nuvens de sua tristeza o céu côr de rosa dos recém-casados. Por isso voltou, e em pouco desapareceu na quebrada do morro.

Descendo, Luiz seguiu por aquella mesma rua onde um anno antes vira Isabel, e quando passava por essa casa, que ainda pela manhã vira fechada, um suspiro doloroso arfou-lhe o peito.

Como se fosse uma resposta dada áquelle lamento do peito que chora uma existencia de flôres toda perdida, o moço ouviu um gemido, seguido de uma tosse secca e enfraquecida.

Voltou-se, nada vio, mas o coração de amante adivinhou-lhe ; e, pois, não hesitou em transpôr a grade do jardim ; mas, apenas havia dado dous passos na arêa fina da alameda, parou indeciso, palpitante e consternado.

Eis o que vio :

Deixado por alguns mezes em abandono áquelle jardim, os jasmineiros, crescendo, haviam se enlaçado frondosamente pela grade, formando uma espessa moita sobre um pequeno sofá de relva, tambem crescida.

Era ahí, reclinada nessa almofada de verdura, que Luiz descobrira a sombra de uma mulher. Tel-a-hia tomado por uma estatua derrocada entre as moitas do jardim, se de novo não lhe escutasse a tosse que o sorprendêra, e se não mexessem-se-lhe as roupas ao sôpro da brisa.

Luiz conheceu-a ; adiantou-se rapidamente, e foi cahir de joelhos ao lado da moça, murmurando :

— Pobre Isabel !

Era a bella viúva. Mas como estava mudada ! A pallidez da doença, essa precursora da morte, mace-rava-lhe o rosto cavado ; os olhos eram amortecidos e quasi sem brilho, languidos, mornos e meio parados, como os olhos de quem parte da vida con-tente, mas deixando na terra uma lembrança, mas levando do mundo uma saudade. Os cabellos pendiam nos seus hombros emmagrecidos, descuidosamente entrançados em finas madeixas. E as mãos pendiam descarnadas, ou comprimiam o peito arquejante quando a pobre moça tossia.

— Pobre Isabel ! murmurára Luiz.

Pobre Luiz ! dizemos nós. Ai ! Que dôr não ia-lhe naquelle lamento ! E era a unica cousa que o moço pudera dar-lhe ! O amor matara-lhe o coração, e o coração não podia dar mais que um soluço, mais que um lamento !

Isabel não mostrou admiração ; seus olhos volve-ram-se languidos para Luiz, e um sorriso, o primeiro talvez desde muitos mezes, desenhou-se fracamente nos labios della. Depois, estendendo a emmagrecida mão para o moço, disse com voz cortada pela tosse :

— Perdôa-me, Luiz !

O moço beijou-lhe a mão, ergueu-se, e sentou-se ao lado de Isabel.

— Não tens que pedir perdão, nem me podes perdoar, disse elle. Ambos fomos culpados, Isabel.

— Mas tu, Luiz, tu que tinhas um futuro brilhante, uma vida de flôres, uma existencia de amor, sacrificaste a mocidade, o futuro, o amor, a vida a um capricho tolo de criança....

— Esse capricho era de ambos, Isabel, fomos castigados por nós mesmos ! Ai ! quantas vezes quiz voltar !

— E porque não vieste ? perguntou a moça, cujos olhos tiveram uns longes de fulgor.

— Porque pensava que me não havias de querer.... disse Luiz com dolorosa morosidade.

— E pensavas bem, Luiz, murmurou a moça. Depois continuou, soffreando a tosse : Emquanto senti no peito o coração, julgei poder ter caprichos ; quando a molestia tomou-me o peito, quando conheci que a febre me ia roendo o coração e tentei reverdecer essas flôres que desfolhára criança e louca.... o amor dormira nos seios de minha alma cansada....

E a moça teve um accesso de tosse.

— Misera Isabel ! murmurou consigo Luiz.

Depois, tomando as mãos da moça :

— E se agora, Isabel, o coração despertasse no peito ?..

— Teria tido um sonho bem doloroso... o despertar seria dôr mais longa.



— Como ? Que queres dizer ?

— Luiz ! disse a moça erguendo-se. Quero morrer assim, com a mudez no coração, com o silencio na alma, com o luto no amor. Não fallemos mais deste sonho....

-- Não, Isabel. Eu sinto a vida agitar-se ainda em meu peito, eu quero amar-te, vivamos !

Um longo accesso de tosse, e alguns laivos de sangue vivo que mancharam-lhe o lenço, vieram desmentir aquellas palavras do moço, que curvou no seio a cabeça ardente, mas desanimada.

— Bem vê's, disse-lhe Isabel com tristeza, mas calma e serena. Eu devo morrer, Luiz. Se puderes viver ainda, vai um dia na minha sepultura espalhar estas flôres, as flôres de nosso amor.....

E a viuvinha tirou do seio uma bolsa de retroz verde, que entregou a Luiz. Dentro havia petalas seccas de rosa.

— Agora, Luiz, vou recolher-me. Tu ficarás a meu lado ; meu tio o consentirá... Tambem será breve... amanhã... talvez...

E depois, mudando de tom, com as faces subito incendidas, com fulgor nos olhos, exclamou :

— Amanhã, Luiz, talvez eu não possa sentir mais que te amei !....

— Isabel ! gemeu o pobre moço curvado.

— Vem, Luiz, continuou ella, mas com socego e calma ; vem abraçar-me.

E depois, cingindo com os braços mirrados o collo de Luiz, que pousava-lhe na fronte os labios mornos :

— São dous cadaveres que se abraçam na borda da campa /

## CONCLUSAO

Tres mezes depois, dia por dia, notaram os empregados do cemiterio que o moço, que havia esse espaço de tempo costumava quotidianamente vir espalhar flôres em uma sepultura, pela primeira vez faltava a essa pia devoção.

Porém, na ultima hora da tarde desse dia, desceu ao fundo da carneira ao lado daquella sepultura um simples, mas decente caixão.

Nessa occasião aproximou-se um velho, que disse, lançando a cal no fundo da cova :

— Ao menos, que a morte os case. Pobre Isabel ! Luiz não virá mais te rezar na cova !

E o Sr. Manoel Ignacio afastou-se por entre os convidados.

Agora nos resta sómente dar noticias do Sr. Dolby. E' pouco o que delle sabemos.

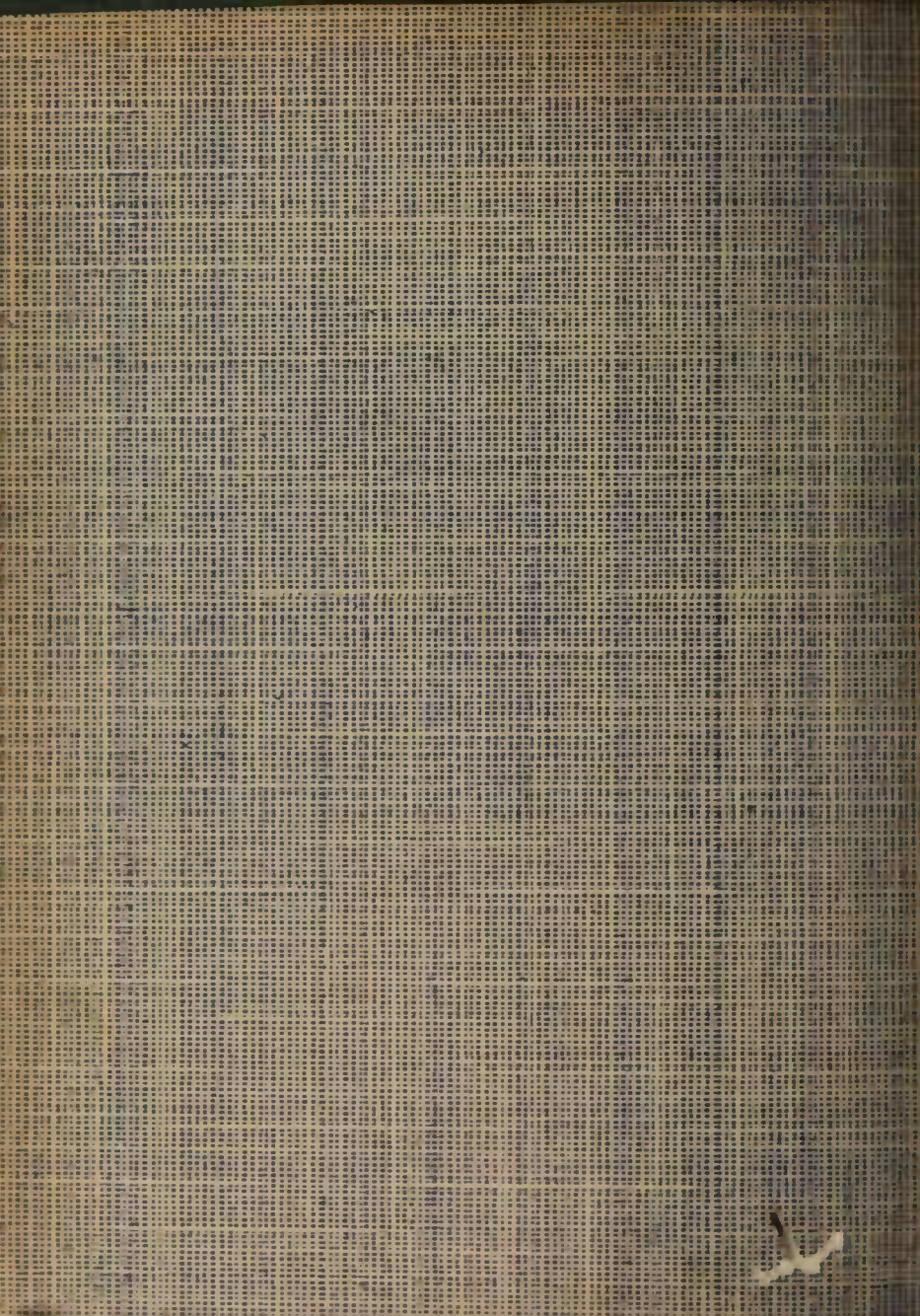
Consta-nos que o valente inglez, depois de ter corajosamente esperado que se realizasse o casamento de Eulalia, a que assistio sem derramar uma lagrima, recolhêra-se ao seu paiz natal, onde tencionava escolher na noite dos nevoeiros de Londres um meio commodo de descartar-se da vida.

FIM

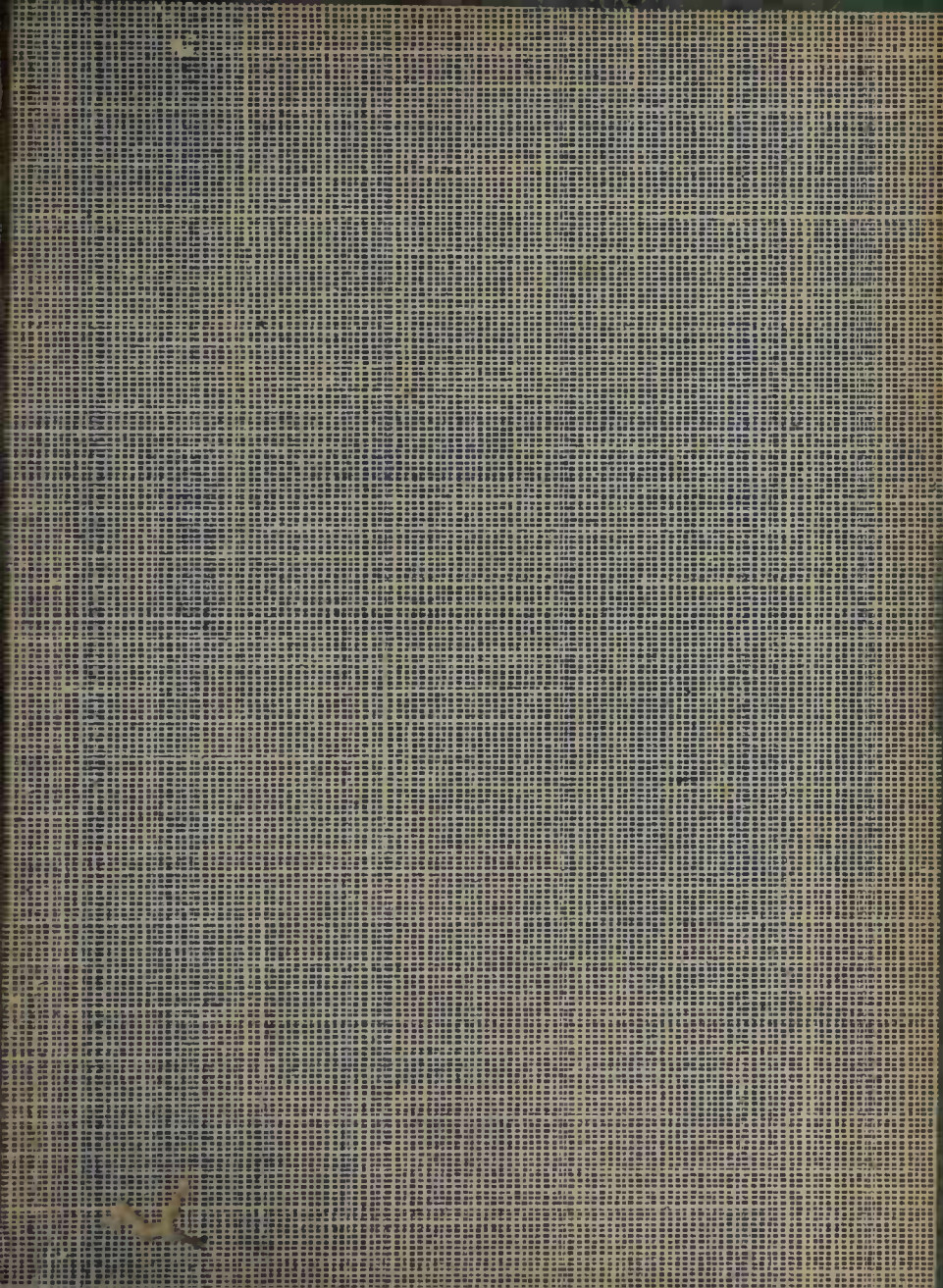














## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).